

Figurações do feminino na emblemática história da ilustre Magalona: estado da arte

Figurations of the feminine on the emblematic history of the distinguished Magalona: state of the art

Vilma Mota Quintela

Universidade Federal de Sergipe, Brasil

vilmaquintela@yahoo.com.br

Conflito de interesses: nada a declarar. **Financiamento:** nada a declarar.

Data de Submissão: 13/05/2021

Data de Aprovação: 30/06/2021

Resumo

O artigo em tela contém as linhas gerais de uma pesquisa em fase inicial, a ser desenvolvida em torno de um romance antigo, popularizado, na Europa, a partir do século XVI. Situado na época das Cruzadas Cristãs, o romance da bela Magalona – ou a “História da princesa Magalona” para apenas citar um dos títulos com os quais ele se tornou conhecido em língua portuguesa– teve diversas versões e reimpressões em França, Espanha e Portugal. De existência longa, esse romance está entre um dos mais populares dentre os títulos enviados ao Brasil por livreiros portugueses por volta do século XVIII, encontrando-se, ainda hoje, no repertório da literatura de cordel em circulação no país. Esta investigação se situa no *locus* interdisciplinar dos estudos sobre a poesia oral e a narrativa popular tradicional ou tradicionalizada, e desenvolve-se como trabalho de pós-doutoramento no CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa.

Palavras-chave: Diálogos luso-brasileiros; Figurações do feminino; Narrativa popular tradicional.

Abstract

The article on screen contains the general lines of a research in its initial phase, to be developed around an old novel, popularized in Europe from the 16th century onwards. Set at the time of the Christian Crusades, the novel of the Magalona - or the “History of Princess Magalona”, to name just one of the titles which became this known in portuguese - had several versions and reprints in France, Spain and Portugal, respectively. Long-lived, this novel is among one of the most popular of the titles sent to Brazil by portuguese booksellers around the 18th century, and is still found today in the repertoire of cordel literature in circulation in the country. This research project is located in the interdisciplinary *locus* of studies on oral poetry and traditional or traditionalized popular narrative, and is developed as post-doctoral work at CICS.NOVA - Interdisciplinary Center of Social Sciences at Universidade Nova de Lisboa.

Keywords: Figurations of the feminine; Luso-Brazilian dialogues; Traditional popular narrative.

De origem controversa, o romance da bela Magalona, ou “Belle Maguelonne”, como ficou conhecido em língua francesa, popularizou-se por meio da produção ambulante, chamada, em Portugal e na Espanha, literatura de cordel, em voga em diversos países do continente europeu, sobretudo, no período anterior à consolidação da imprensa industrial. Difundida no Brasil desde, pelo menos, a segunda metade do século XVIII, a história da insigne Magalona era uma dentre as mais populares contidas no conjunto de livros e brochuras enviados, naquela época, em remessas efetuadas por livreiros e editores de Portugal, integrando, dentre outras, uma série de novelas protagonizadas por heroínas de compleição medieval⁴¹.

Também publicada com os títulos *História da princesa Magalona*, *A Verdadeira história da princesa Magalona*, *História de Pierre de Provença e da princesa Magalona*, *Romance de Pierre e Magalona*, dentre outros, em sua versão original, a narrativa remete a uma lenda situada na Idade Média que conta a fundação da Catedral de Maguelone, a antiga igreja de Saint Pierre, construída entre os séculos XII e XIII, na ilha de Maguelone, hoje pertencente ao departamento de Hérault. A história conta as aventuras e o romance de Pierre, filho do

Conde da Provença, e de Maguelone, uma princesa napolitana. Na época em que se situa a fábula, no auge do bispado de Magalona, a região de Languedoc e uma parte da Provença se encontravam sob o domínio dos condes de Toulouse, capital da Occitânia, situada no sul da França. Como informam Andries e Bollème, é possível que a aliança política entre o reino de Nápoles e a Casa de Anjou, na baixa Idade Média, tenha fornecido elementos à contextualização da narrativa⁴².

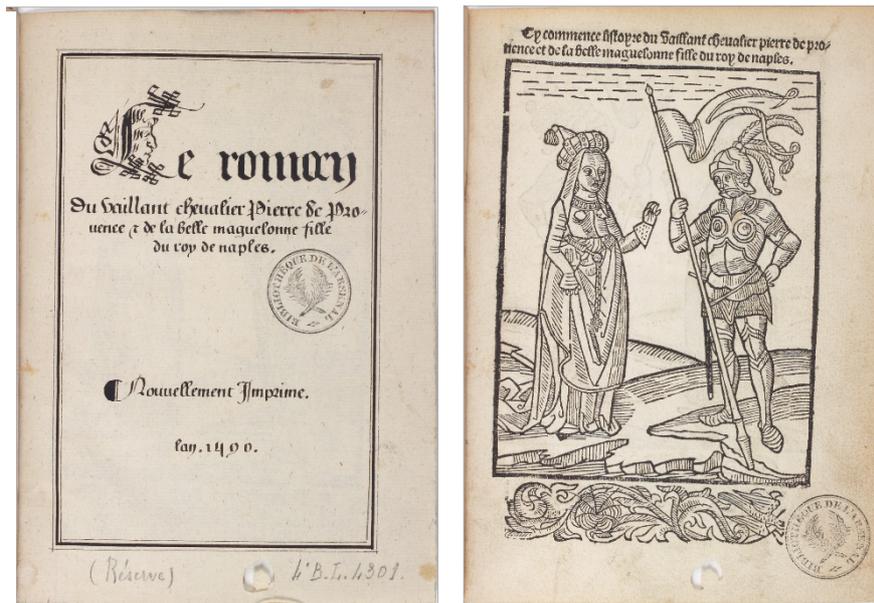
Tendo sido escrita não se sabe se em latim, em francês ou em provençal, originalmente, a narrativa foi impressa em língua francesa, havendo sido atribuído o manuscrito a Bernard de Trèvièrs, poeta e clérigo da catedral de Magalona por volta do último quartel do século XII⁴³. Seja como for, o certo é que a popularidade do relato se deve, em grande parte, ao fato de que ele reúne os temas essenciais da narrativa popular tradicional. Encontra-se aí a demanda amorosa em consonância com o espírito do romance de aventuras, apresentando-se, de maneira simétrica, protagonistas capazes de vencer obstáculos situados no limite entre o crível e o extraordinário, movidos pela fé em um amor divino, que desafia as convenções do tempo e a própria morte.

⁴¹ Ver CÂMARA CASCUDO, 1953, 1978, 1984 e 1988. Ver também BENJAMIN, 1984; PELOSO, 2019 e, em especial, ABREU, 1993.

⁴² Ver ANDRIERS e BOLLÈME, 2003. No referido comentário, as autoras se referem à aliança política que fez de Carlos de Anjou - filho mais novo de Luis VIII e Branca de Castela e, então, consorte da condessa Beatriz de Provença - rei da Sicília e de Nápoles, em 1263. A propósito, ver JORDAN, 1909.

⁴³ Ver VIC e VASSETTE, 1841, e FABRÈGE, 1896. Ver também, LE CLERC, 1865 (Tomo II), BRAGA, 1867 e SILVA, 1883. Citando Teófilo Braga, no tomo X de seu *Dicionário bibliográfico português* (SILVA, 1883, p. 31), Inocêncio Silva reporta à discussão sobre a origem

dessa que é, sem dúvida, uma das mais populares novelas do ciclo cavaleiresco que entraram para o repertório da literatura ambulante em circulação no continente europeu, entre os séculos XV e XIX. Nessa citação, referindo-se a LE CLERC (Tomo II, 1865, p. 76), Braga menciona que a narrativa teria sido retocada por Petrarca, quando, ainda bem jovem, cursava direito em Montpellier. Esse dado curioso também é referido por VIC e VASSETTE (1841) e por outros diversos comentadores da obra. Contudo, a autoria de Trèvièrs, bem como a participação de Petrarca na concepção da forma literária do relato é contestada por Gaston de Paris, que situa o romance em um ciclo temático cuja origem remontaria ao livro das *Mil e uma noites*. A propósito, ver MEYER e PARIS, 1889.



Le roman du Vaillant chevalier Pierre de Provence et de la belle Maguelonne, fille du roy de Naples - Folha de rosto e subsequente de edição de 1490, de J. de La Fontaine. Fonte: gallica.BnF.fr.

Trata-se, nesse caso, de duas personagens, o conde Pierre e a princesa Magalona, que se destacam por um etos próprio do romance de cavalaria medieval, identificadas por uma moral elevada e, mais que isso, por um espírito pio, sem, contudo, deixarem de resvalar às fraquezas próprias dos indivíduos comuns. Observa-se, nessa narrativa, certa proporcionalidade quanto à construção do caráter das duas personagens, a masculina e a feminina, as quais, não obstante as suas qualidades e atribuições específicas, situadas, como se pode inferir, no âmbito do convencional, equilibram-se no que se refere aos atributos humanos e heroicos.

Sendo ambas as personagens, igualmente, carismáticas, haja vista suas virtudes essenciais, é curioso observar como, nesse caso, no que diz respeito à recepção popular, sobreleva-se o nome da personagem feminina, usando-se, em diversos contextos, a expressão “romance de Magalona”, “a bela Magalona”, “a princesa Magalona”, “a formosa de Magalona” em referência à narrativa, não se aplicando o mesmo ao herói. Por exemplo, em “Uns braços”, conto antológico de Machado de

Assis, publicado na coletânea *Várias histórias*, de 1896, o narrador menciona o folheto “a Princesa Magalona”, pertencente à personagem do protagonista, um rapaz de 15 anos:

Inácio passava-os (os domingos) todos ali no quarto ou à janela, ou relendo um dos três folhetos que trouxera consigo, contos de outros tempos, comprados a tostão, debaixo do passadiço do Largo do Paço. Eram duas horas da tarde. Estava cansado, dormira mal a noite, depois de haver andado muito na véspera; estirou-se na rede, pegou em um dos folhetos, a Princesa Magalona, e começou a ler. Nunca pôde entender por que é que todas as heroínas dessas velhas histórias tinham a mesma cara e talhe de D. Severina, mas a verdade é que os tinham. Ao cabo de meia hora, deixou cair o folheto e pôs os olhos na parede, donde, cinco minutos depois, viu sair a dama

dos seus cuidados⁴⁴.

Já na comédia musical *Aldeia da Roupa Branca* (1938), filme realizado por Chianca de Garcia com argumento de Chianca de Garcia e José Gomes Ferreira, estreado em 1939, a lavadeira

Gracinda, interpretada por Beatriz Costa (1907-1996), em cena icônica, refere-se à certa "nova história da Princesa Magalona", que teria comprado em Lisboa⁴⁵. Curiosamente, a estória mencionada pela personagem nada tem a ver com o romance em discussão.



Registro de cena da comédia musical *Aldeia de roupa branca* (1938-1939), de Chianca de Garcia, estrelada por Beatriz Costa. Fonte: <https://www.portal-cinema.com>.

Como se observa, a fama da formosa napolitana transpôs os limites do tempo e do espaço, ressurgindo, ao longo dos séculos, nos mais diferentes âmbitos discursivos. Outro exemplo disso, é que a palavra "magalona", figura no dicionário Aulete como sinônimo de "mulher vistosa", "garrida" ou, ainda, "casquilha". No que diz respeito à intertextualidade da novela francesa com obras literárias posteriores, há ainda que se mencionar o diálogo *Aretifil*, espécie de sátira menipeia de Luca Antonio Ridolf, publicada na segunda metade do século XVI, na qual há diversas referências à "bela Magalona" como sinônimo de beleza e virtude⁴⁶. Além disso, o nome da princesa Magalona também aparece

citado, várias vezes, em *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, dessa vez, acompanhado do nome de seu amante, o destemido Pierre, emergindo à memória do engenhoso fidalgo, que, em meio a delírios poéticos, confunde as duas personagens com Clamades e Clarmonda, um outro casal celebrizado nas novelas de cavalaria⁴⁷.

Esses dados configuram um sugestivo testemunho da grande notoriedade da narrativa atribuída, talvez equivocadamente, ao cômico de Trèvièrs e, mais ainda, de sua protagonista, não obstante, seu nome possa aparecer confundido com o de outras tantas heroínas medievais na, sabidamente, andarilha memória

⁴⁴ Ver MACHADO DE ASSIS, J. M.. *Várias Histórias. Obras completas de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1985, v. 2.

⁴⁵

Ver:

<http://www.cinept.ubi.pt/filme/609/Aldeia+da+Roupa+Branca>.

⁴⁶ Sobre o autor e a obra, ver MONTORSI, 2020. De acordo com Montorsi, segundo uma etimologia grega, o pseudônimo "Aretifila" significa "Aquele que ama a virtude". A propósito, encontra-se disponível, em <https://books.google.com.br/>, uma edição de 1560, publicada em Lione por Guliel Rovillio, da obra

de Luca Antonio Ridolf, intitulada *Aretifil. Dialogo nel quale da una parte sono quelle ragioni allegate, le quali affermano, lo amore di corporal bellezza potere ancora per la via dell'udire pervenire al quore: et dall'altra, quelle che vogliono lui havere solamente per gl'occhij l'entrata sua: colla sentenza sopra cotal quistionea*. Consultada em 13/12/2020.

⁴⁷ A propósito, ver nota 5 do capítulo XLIX da edição da Penguin/Companhia das Letras do clássico de Cervantes. In: CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote*. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2012, p. 788.

oral. A propósito, a título de curiosidade, cito aqui o caso do registro de uma performance, realizada, em 2010, pela informante Idalina Cacito, da freguesia St. Clara de Louredo, concelho de Beja⁴⁸. Na performance referida, a senhora em questão conta um romance do ciclo “A esposa banida”, que inclui narrativas sobre mulheres virtuosas dispostas a todos os esforços para conservar a própria honra, atribuindo-lhe o título “A Princesa Magalona”. Nesse ciclo, situam-se clássicos da literatura de cordel portuguesa, tais como o *Auto de Santa Genoveva* e a *História da Imperatriz Porcina*, que também têm correspondentes no Brasil. Nesse caso, Magalona é lembrada como esposa do rei Roldão, numa alusão mnemônica ao cavaleiro Roland, da *Chanson de Roland*, antológico romance do ciclo carolíngio.

Diferentemente do que se registra no caso supracitado, a lenda de Magalona se situa no ciclo das heroínas virtuosas que, graças a sua resiliência e fé inabalável, superam todas as adversidades para reaver o amante desaparecido. Essa tópica, desenvolvida, por exemplo, no mito de Eros e Psiquê, alude à alegoria da imortalidade da alma, simbolizando, no âmbito religioso, a demanda da alma humana provada em meio a esforços que a transportam ao limite da humanidade, até ser aprovada no plano do sobrenatural, sendo, então, agraciada com o verdadeiro e eterno amor.

Tal como a personagem mítica em relação a Eros, Magalona precisará superar o aspecto temporal do seu amor por Pierre, movida pela fé que a conduzirá por uma via penosa, submetendo-a, no percurso, a um processo

espiritual, no qual a expectativa de ser servida em seu desejo pelo amante dará lugar à devoção ao serviço ao divino⁴⁹. Como ocorre no mito de Eros e Psiquê, na história de Pierre e Magalona, observamos uma escalada do amor ao Amor.

No caso do romance em estudo, antes entregues aos desígnios da paixão temporal, as duas personagens revelam certo apego imaturo e irresponsável aos prazeres mundanos. Depois dos sucessos a que são levados a vivenciar pela ação do imponderável, os amantes se reencontram para a consumação do sublime Amor, isto é, o amor incondicional que as almas moralmente superiores experimentam no serviço a Deus. Trata-se não, propriamente, do amor idealizado, mas do amor como sublimação.

Como pretendo aprofundar no decorrer da pesquisa, é possível que, em sua ideia original, se é que houve uma formulação erudita da obra para além do seu desenvolvimento literário em língua vulgar, a lenda tenha se constituído como uma alegoria teológica, inspirada nas hagiografias e textos canônicos da filosofia cristã medieval, a exemplo dos escritos de Santo Agostinho e de São Jerônimo. Em sua formulação conhecida, contudo, a narrativa de Magalona e Pierre pode ser tomada como uma versão poética dos manuais aristocráticos de educação moral, em voga em diversas partes da Europa no período humanista⁵⁰, destinada ao vulgo pelos editores da literatura popular da época.

Quanto a isso, vale destacar que, já a partir do século XV, a exemplo da narrativa em estudo e,

⁴⁸ A performance se encontra acessível a escuta no site do Memoriamedia, e-Museu do Património Cultural Imaterial de Portugal. Disponível em: <https://www.memoriamedia.net/index.php/idalina-cocito>. Consultado em 20/10/2020.

⁴⁹ A propósito, em *O Mal-Estar na Civilização*, ao referir-se ao mito de Eros e Psiquê, Freud discorre, em termos psicanalíticos, sobre a distinção entre o amor como paixão imaginária e o amor

que se constitui como dom ativo, a exemplo do amor divino da Paixão de Cristo, isto é, do amor devotado ao próximo.

⁵⁰ Sobre esses manuais, ver FERNANDES, 1995, e MENDONÇA, 2013.

no geral, do conjunto das publicações que compunham a literatura ambulante, começam a circular, em escala antes inimaginável, além das chamadas folhas volantes, edições baratas de livros diversos destinadas ao público médio. Não obstante a censura eclesiástica, com a popularização da invenção de Gutenberg, o livro em forma de brochura se tornou uma fonte importante de difusão de uma ordem de conhecimentos antes restrito ao clero e a uma parte pequena parte da nobreza, tornando-se um instrumento de universalização da cultura escrita. A imprensa popular colocou em circulação escritos religiosos, científicos, clássicos gregos e romanos, relatórios de viagens e outros impressos, promovendo mudanças decisivas no cotidiano do cidadão comum. Os textos impressos do século XV eram, em sua grande maioria, textos medievais vulgarizados, vistos com certo desprezo pelos cultores da biblioteca erudita.

No repertório da livraria popular, eram encontrados, sobretudo, livros religiosos, sendo constituídos de exemplares da Bíblia, textos litúrgicos, tais como missais, breviários, livros de horas, tratados de espiritualidade, livros de devoção, vidas de santos etc, tanto em latim quanto em língua vulgar. Havia também gramáticas e obras elementares dirigidas aos alunos das escolas primárias e das faculdades de artes, além da literatura profana, geralmente em língua vernácula, composta de almanaques, enciclopédias, florilégios, crônicas, além de versões modernizadas das canções de gesta e de romances corteses. Em suma, a partir do século XV e, sobretudo, do XVI, a imprensa ampliou, expressivamente, o público da cultura escrita. Com isso, tornou-se possível a constituição de pequenas bibliotecas particulares por oficiais subalternos (sargentos, notários etc) e clérigos da raia miúda. Entre o

final do século XV e meados do subsequente, essas “bibliotecas mínimas” se multiplicaram em toda a parte, bem como ocorre um efetivo progresso cultural nos meios aristocráticos, surgindo, nas cortes, bibliotecas com obras em latim e nas línguas vernáculas⁵¹.

Simultaneamente a isso, a partir da segunda metade do século XV, por exemplo, ocorre, no ambiente palaciano de Portugal, a ampliação do interesse pelo protocolo e pela erudição⁵². Trata-se aqui da educação como formação não apenas intelectual, mas também moral e política. Antes disso, na corte de Avis, já por volta do século XIV, registra-se uma cultura voltada à educação masculina do nobre, seja da casa régia, seja das casas senhoriais, tendo como modelo o jovem aspirante a rei, do qual deveria emanar as virtudes cavaleirescas cristãs. Essa lição se configura, em especial, nos “Espelhos de Príncipes”, dentre os quais se encontra o de autoria de Álvaro Pais. Nesses “espelhos”, entre outras coisas, eram ensinados exercícios físicos específicos, concernentes ao cotidiano cavaleiresco, incluindo a arte bélica, orientando-se, também, o desporto da caça para os tempos de paz⁵³.

Tal orientação à formação humana e cultural, registrada em Portugal, ocorria em todo o ocidente europeu, sendo conhecidos, em diversos contextos, os espelhos reais, que visavam educar a alta sociedade, sensibilizando-a para os modelos sociais e religiosos endossados pelas correntes políticas e filosóficas em voga. De acordo com esses manuais, a casta real deveria se constituir como um espelho de virtudes, sendo a sua presença e atuação um reflexo da imagem interior de seus integrantes, aos quais todos os demais deveriam tomar como exemplo de modelo a seguir⁵⁴. Mais tardiamente, por volta

⁵¹ A propósito, ver MCLUHAN, 1977; BURKE, 1989; CHARTIER, 1987, 1990, 1994; e BRAUX e MALINES, 2000.

⁵² Ver Mendonça, obra citada.

⁵³ Ver FERNANDES e MENDONÇA, obras cit.

⁵⁴ Idem.

de meados do século XV, registram-se as primeiras iniciativas voltadas à educação ou instrução das mulheres. Observa-se, então, a distinção entre a educação a que se deviam submeter os homens e as mulheres da corte.

No que se refere à virtude das damas, uma obra de grande notoriedade foi *Le livre des trois vertus* ou *Le Trésor de la cité des dames*, de Christine de Pizan, um tratado de educação feminina, que, em 1450, teria sido traduzido para o português a pedido de D. Isabel, mulher de D. Afonso V⁵⁵. Em seu “espelho”, para além

de cunhar exemplos de virtude direcionados às damas da casta aristocrática, Christine ombreia, em responsabilidade, homens e mulheres nobres, que, do seu ponto de vista, deveriam representar a imagem da virtude para neles modelarem-se os seus súditos. Curiosamente, esse tratado foi publicado em língua francesa, em Paris, nos fins do século XV, passando a integrar, nessa época, ao que tudo indica, o *corpus* da literatura de *colportage*, sendo, portanto, contemporâneo às primeiras edições francesas da história de Magalona.



Le trésor de la cité des dames, de Christine de Pizan. Capa de edição de 1503, impresso em Paris por Michel Le Noir. Fonte: gallica.BnF.fr.

Sugestivamente, como procurarei elucidar na investigação ora proposta, há muitos pontos de correspondência entre o “O Tesouro da cidade das damas”, publicado em Portugal com o título *O Espelho de Cristina*, e o romance de Magalona e Pierre - além do formato editorial próprio da biblioteca popular à época. A propósito, a título de ilustração, importa

apresentar, em linhas gerais, o enredo do nosso romance.

A narrativa em estudo pode ser dividida em três núcleos principais: no primeiro, o enfoque recai sobre a origem nobre e o processo de formação de Pierre, jovem conde provençal talhado nos exercícios cavaleirescos e

⁵⁵ *trois vertus* é uma obra educativa e alegórica escrita na sequência do *Livro da cidade das senhoras*, escrita em 1405 e publicada em 1497, sob o título *Le Trésor de la cité des dames*,

em edição que compõe o repertório da literatura de *colportage* francesa. A propósito, ver PIZAN, 1497.

conformado às virtudes da doutrina católica apostólica, tal como fica configurado pela insígnia que traz consigo como espécie de talismã: um chaveiro contendo duas chaves, numa referência a São Pedro, o seu santo de devoção. Na segunda parte, ganham relevo a personagem da princesa Magalona e os sucessos por ela vivenciados enquanto percorre a via da elevação espiritual, que a conduz à terra natal de Pierre, onde funda um hospital para acolher peregrinos e uma igreja, a que dá o nome do santo de devoção do amado desaparecido. Por fim, na terceira parte da história, dá-se o esperado reencontro dos amantes, o casamento dos noivos e o retorno do casal ao reino de Nápoles, onde ascenderão ao trono como herdeiros únicos, após a morte do pai da princesa.

Conforme o comentado anteriormente, a literatura ambulante em voga a partir da segunda metade do século XV e, sobretudo, do século subsequente, teve um papel primordial à difusão da cultura escrita no continente europeu, sendo, então, uma via privilegiada à propagação de princípios e valores que deram fundamento aos ideais políticos e filosóficos da Idade Média tardia. Esses ideais se consolidaram entre o povo, transpuseram-se às terras do além-mar, transformando-se e adaptando-se, ao longo dos séculos, a novos contextos culturais. De certa forma, isso se reflete na abundante produção da literatura de cordel brasileira, cujas bases históricas remontam ao contexto sociocultural do Nordeste da segunda metade do século XIX. Neste trabalho, dentre outros aspectos, buscarei observar como isso se configura, tomando como referência o cordel da princesa Magalona e a educação da Mulher no Brasil e em Portugal, onde o folheto se consolidou

como um clássico da literatura popular. Nesse sentido, procurarei confrontá-lo com o *Espelho de Cristina*, título português para o qual foi vertido o tratado de Christine de Pizan, antes mencionado⁵⁶.

Dito em poucas palavras, a metodologia empregada ao desenvolvimento da presente pesquisa consistirá em um estudo bibliográfico inicial, ao qual se seguirá uma abordagem analítica, interpretativa e comparativa das versões brasileiras e portuguesas do cordel em enfoque, tomadas as mais significativas em confrontação com a matriz francesa. Para a fundamentação teórica da investigação proposta, tomarei como referência, além dos estudos já mencionados, trabalhos diversos sobre os assuntos aqui abordados. Dentre esses, destaco estudos sobre a representação da mulher na cultura ocidental, tais como: BROCHADO e DEPLAGNE (org.), 2018; KLAPISCH-ZUBER (org.), 1990; PERNAUD, 1984; TROCH, 1983; e DEL PRIORE e BASSANEZI, 1997. Além disso, será fundamental à pesquisa bibliográfica estudos específicos sobre a história, as fundações e as representações culturais da Idade Média, entre os quais menciono: GILSON, 2001; LE GOFF, 1992, 2006, 2011 e 2016; e PERNAUD, 1978 e 1990.

Isso posto, cumpre, por fim, dizer que os resultados desta investigação se destinam, em um futuro próximo, à preparação de uma edição crítica do romance em questão. Antes disso, seus resultados parciais deverão ser apresentados em congresso sobre a literatura de cordel, organizado por pesquisadores de diversas partes do mundo, previsto a ser realizado em Lisboa, em novembro do ano corrente.

⁵⁶ Ver MENDONÇA, obra cit..

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Márcia. *Cordel português/folhetos nordestinos: confrontos*. Um estudo histórico-comparativo. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP, 1993. (Tese de Doutorado em Teoria Literária).
- ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado de Letras; ALB, 1999.
- ALCOFORADO, Doralice F. Xavier e ALBÁN, Maria Del Rosário Soares. *Romanceiro Ibérico na Bahia*. Salvador: Livraria Universitária, 1996.
- AGOSTINHO. *A Cidade de Deus*. Vol. I, II e III. Tradução, prefácio, notas e transcrições João Dias Pereira. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2000.
- BOURASSÉ. Jean Jacques. *Dictionnaire d' archéologie sacrée*. Paris: J. -P. Migne, 1851.
- BRAGA, Theóphilo. *História da poesia popular portuguesa*. Porto: Tipografia Luzitana, 1867.
- BROCHADO, Cláudia Costa e DEPLAGNE, Luciana Calado (organizadoras). *Vozes de mulheres da Idade Média*. João Pessoa: Editora UFPB, 2018.
- BOLLÈME, Geneviève. *Les almanachs populaires aux XVIIe. et XVIIIe. siècles: essai d'histoire sociale*. Paris: Mouton, 1969.
- _____. e ANDRIES, Lise. *La bibliothèque bleue: Littérature de colportage*. Paris: Robert Laffont, 2003.
- _____. *La littérature populaire en France du XVIe. au XIXe. siècle*. Paris: Julliard, 1971.
- BRAUX, Olivier e MALINAS, Chaterine. *Écrire et publier hier et aujourd' hui*. Paris: Elipses, 2000.
- BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Os cinco livros do povo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.
- _____. *Vaqueiros e cantadores*. São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1984.
- _____. *Dicionário do folclore brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia/EDUSP, 1988.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- _____. *A ordem dos livros*. Brasília: UNB, 1994.
- _____. *Lectures et lecteurs dans l' Ancien Regime*. Paris: Seuil, 1987.
- D'AIGREFEUILLE, Charles. *Histoire de la ville de Montpellier*. Montpellier: Rigaud, 1739. Disponível em: gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France. Consultado em 24/10/2020.
- DELILLE, Francés. *A Magalouno pousesio*. Avignon: J. Roumanille, 1879. Disponível em: gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France. Consultado em 23/10/2020.
- DEL PRIORE, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997.

- DIÉGUES JÚNIOR, Manuel et alii. *Literatura popular em verso: estudos*. São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1986.
- DIRECTION DU PATRIMOIN. Notice sur l'inscription commémorative de la construction de l'ancienne porte de la Cathédrale Saint-Pierre-de-Maguelonne (ancienne). França: Ministério da Cultura/POP: Plataforma Aberta do Patrimônio Histórico da França, 1992. Disponível em: POP: la plateforme ouverte du patrimoine - <https://www.pop.culture.gouv.fr/notice/palissy/PM34001494>.
- DUBY, Georges. *As Damas do século XII*. Trad. De Paulo Neves e Maria Lúcia Machado. São Paulo, Companhia das Letras, 2013.
- _____. (orgs.). *História das Mulheres no Ocidente*. Vol.2. Idade Média. Porto: Afrontamento, 1990.
- FABRÈGE, Frédéric. *Histoire de Maguelone*. Tomo I. Paris/Montpellier: Picard et Fils/ Félix Seguin, 1896.
- FERNANDES, Maria de Lurdes Correia. *Espelhos, Cartas e Guias: Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica 1450-1700*. Porto: Instituto de Cultura Portuguesa/ FLUP, 1995.
- FERREIRA, Jerusa Pires. *Cavalaria em cordel: o passo das águas mortas*. São Paulo: HUCITEC, 1979.
- FRANKLIN, Burt. *Universal Catalogue of Books on Art: L to Z*. Vol. II.. New York: BURT Franklin, 1870.
- FREUD, S.. O Mal-estar da civilização. In: *Obras Completas*. Edição Standard Brasileira. V. XXI. Rio de Janeiro: Imago. 1997. (Versão eletrônica).
- GERMAIN, Alexandre Charles. *Maguelone sous ses évêques e ses chanoines*. Montpellier: Jean Martel Ainé, 1869.GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- _____. *Histoire de la commune de Montpellier*. T. 3.. Montpellier: Imprimerie de Jean Martel, 1851. Disponível em: gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France. Consultado em 24/10/2020.
- GILSON, Étienne. *A filosofia na idade média*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fone, 2001.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. São Paulo: T. A. Queroz/Edusp, 1985.
- HARE, Augustus J. *South-Western France*. London: George Allen, 1890.
- JORDAN, E.. *Les origines de la domination angevine en Italie*, Paris, 1909.
- KLAPISCH-ZUBER, C. (dir.). *História das Mulheres. A Idade Média*. São Paulo/Porto: Ebradil/Afrontamento, 1990.
- LE CLERC, Victor. *Discours sur l'état des lettres en France au quatorzième siècle*. Tomos I e II. Paris: Michel Levy Frères, 1865.
- LEMAIRE, Ria. *Passado presente e passado-perdido: transitar entre a oralidade e a escrita*. Texto inédito, s.d..
- LEMAIRE-MERTENS, Ria. *As personagens femininas do Pergaminho Vindel*. In: Jhon Benjamin's Publishing Company. Disponível em: <https://doi.org/10.1075/z.218.05lem> Consultado em 01/10/2020.
- LE GOFF, JACQUES. Trad. *Uma longa idade média*. Rio de Janeiro: Civilização

- Brasileira, 2011.
- _____. *A civilização do ocidente medieval*. Trad. de Monica Stahel. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.
- _____; TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. Trad. Marcos Flaminio Pires. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2006.
- _____. *O Apogeu da cidade medieval*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- MANDROU, Robert. *De la Culture populaire aux 17e et 18e siècles*. 3a ed., Paris: Imago, 1985.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O Contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- MAGIO-MALACRIDA. *Catalogue of Printed Books: A-A*. London: Willian Clowes, 1891.
- MCLUHAN, Herbert Marshall. *A Galáxia de Gutemberg*. 2 a ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.
- MENDONÇA, Manuela. O Espelho de Cristina (Séc. XV). *Hist. R.*, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 53-68, jan. / jun. 2013. www.revistas.ufg.br.
- MEYER, Paul; PARIS, Gaston. *Romania*. Paris: F. Vieweg, 1889.
- MISTRAL, Frédéric. *Lou Trésor dou Félibrige ou Dictionnaire provençal-français*. Tomo 2. Arles: Marcel Petit, 1878. Disponível em: [gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France](http://gallica.bnf.fr/Bibliothèque nationale de France). Consultado em 24/10/2020.
- MONTORSI, Francesco. Les lettres de France vues par un Italien du XVIe siècle. La bibliothèque française de Lucantonio Ridolfi. *Cahiers d'études italiennes* [En ligne], 31 | 2020, mis en ligne le 06 octobre 2020, consulté le 15 octobre 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cei/7708> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cei.7708>. Consultado em 14/12/2020.
- NISARD, Charles. *Histoire des livres populaires ou de la littérature de colportage*. Tomos I e II Paris: E. Dentu, 1864.
- PELOSO, Silvano. *O Medievalo no sertão*. Rio Grande do Norte: EdUFRN, 2019.
- PERNAUD, Régine. *A Mulher no tempo das catedrais*. Trad. Miguel Rodrigues. Lisboa: Gradiva: 1984.
- _____. *O Mito da Idade Média*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1978.
- _____. *Os Templários*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1990.
- PIZAN, Christine. *A Cidade das Damas*. Tradução e apresentação Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. Florianópolis, SC: Editora Mulheres, 2012.
- _____. *Le Trésor de la cité des dames*. Paris: Antoine Vernard, 1497. Disponível em: https://data.bnf.fr/fr/12374212/christine_de_pizan_le_livre_des_trois_vertus/#. Consultado em 14/12/2020.
- PROENÇA, Manoel C. (org.). *Literatura popular em verso: antologia*. São Paulo: EDUSP, 1986.

- RUY, Bruno Mosconi. As Origens da Ordem Militar dos Hospitalários. *Anais do V Congresso Internacional de História*. Maringá: UEM, 2011. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2011>. Consultado em: 26/10/2020.
- SANTOS, Idelette Muzart-Fonseca dos. *La Littérature de cordel au Brésil: mémoires des voix, grenier d'histoires*. Paris: L' Harmattan, 1977.
- SILVA, Innocência Francisco da. *Diccionário bibliográfico portuguez*. Tomo X. Lisboa: Imprensa Nacional, 1883.
- SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- TROCH, Lieve. "Mística Feminina na Idade Média: historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais." In: *Revista Graphos*. Revista da Pós-graduação em Letras da UFPB. Volume 15, no.1, 2013. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/viewFile/16324/9352>. Acesso em 30/09/2020.
- VIC, Dom Claude de; VAISSETE, Dom. *Histoire générale de Langdoc*. Tomo 3. Toulouse: J. –B. Paya, 1841.
- WARNER, Charles Dudley. *A Roundabout journey*. Boston: Houghton, Mifflin and Company, 1891.

Versões e adaptações da *História da princesa Magalona* consultadas

1. Edições europeias

- ANÔNIMO. *A Nova história da princesa Magalona*. Versão portuguesa transcrita por Câmara Cascudo. CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Vaqueiros e cantadores* (1ª ed. Globo, 1939). São Paulo: Itatiaia/EdUSP, 1984.
- _____. *Ballet du mariage de Pierre de Provence et de la belle Maguelonne*. 1638. Disponível em: gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France. Consultado em 20/10/2020.
- _____. *História completa da princesa Magalona* [en ligne]. Lisboa - Portugal : Livraria Barateira, 1954, 16p.. Coleção do Acervo Raymond Cantel. Disponível em : <http://cordel.edel.univ-poitiers.fr/items/show/4293> . Consultado a 11/12/2020.
- _____. *Histoire de Imberios & Margarona : imitation grecque du roman français "Pierre de Provence et la belle Maguelonne "* / publiée pour la première fois d'après un manuscrit de la Bibliothèque impériale de Vienne, par Guillaume Wagner. Paris: Maisonneuve, 1874. Disponível em: gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France. Consultado em 25/10/2020.
- _____. *Historia de la linda Magalona hija del Rey de Napoles, y del muy noble y esforçado cauallero Pierres de Prouença hijo del conde de Profuença y de las muchas aduersidades y grandes trabajos que passaron siendo siempre constantes en la virtud, y como despues Reynaron y acabon su vida muy honradame [n] te en seruicio de Dios*. Edição de 16???. Coleção da Biblioteca Nacional da Espanha. Disponível em: https://www.omnia.ie/index.php?navigation_function=2&navigation_ite

[m=%2F2022717%2Fbnesearch_detalle_bdh0000193820&repid=1](https://www.omnia.ie/index.php?navigation_function=2&navigation_item=%2F2022717%2Fbnesearch_detalle_bdh0000193820&repid=1).

Consultado em 11/12/2020.

_____. *Historia del esforzado Caballero Pierres de Provenza, y de la hermosa Magalona*. 1805-1844. Coleção da Biblioteca Nacional da Espanha. Disponível em:

https://www.omnia.ie/index.php?navigation_function=2&navigation_item=%2F2022717%2Fbnesearch_detalle_bdh0000130317&repid=1.

Consultado em 11/12/2020.

_____. *Historia del esforzado Caballero Pierres de Provenza, y de la hermosa Magalona*. Madrid: 1856. Coleção da Biblioteca

Nacional da Espanha. Disponível em: <https://download.digitale-sammlungen.de/pdf/16077004278888bsb10529925.pdf>. Consultado

em 11/12/2020.

_____. *Historia del esforzado caballero Pierres de Provenza y la hermosa Magalona*. Valladolid: Imprensa de Fernando Santaren, 1863.

Coleção da Biblioteca Digital de Castilla y León. Disponível em:

https://www.omnia.ie/index.php?navigation_function=2&navigation_item=%2F2022704%2Fiod_oai_bibliotecadigital_jcyl_es_8813_ent1&repid=1.

Consultado em 11/12/2020.

_____. *História de Pierres de Provença y de la gentil Magalona*. Edição em língua catalã, de 1908. Item da Coleção da Universidade de Princeton. Disponível em:

https://www.omnia.ie/index.php?navigation_function=2

[&navigation_item=231b52c5b559f783b8ffb13dc3bd3058&repid=2](https://www.omnia.ie/index.php?navigation_function=2&navigation_item=231b52c5b559f783b8ffb13dc3bd3058&repid=2).

Consultado em 11/12/2010.

_____. *Histoire des amours de Pierre de Provence avec la belle Maguelone fille du roi de Naples. suivie d'Artus de Bretagne ou Le triomphe de l'amour*. Paris: 18....

_____. *Histoire du vaillant chevalier Pierre de Provence et de la belle Maguelonne*. S/d. Disponível em: gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France. Consultado em 20/10/2020.

_____. *História Verdadeira da Princeza Magalona, filha d'El Rei de Napoles, e do nobre, e valoroso cavalheiro Pierres, Pedro de Provença, e dos muitos trabalhos, e adversidade, que passaram, sendo sempre constantes na fé, e virtudes, e como depois reinaram, e acabaram a sua vida virtuosamente no serviço de Deus*. Lisboa: Typografia de Antônio Joaquim da Costa, 1851. Disponível em:

<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=90928>. Consultado em 11/12/2020.

_____. *La belle Maguelonne*. Lyon: 1490. Disponível em: gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France. Consultado em 20/10/2020.

_____. *La belle Maguelonne*. Lyon: 1450-1499. Disponível em: gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France. Consultado em 20/10/2020.

_____. *La Historia de la linda Magalona , hija del rey de Napoles e del*

muy noble y esforçado cavallero Pierres de Provença, hijo del conde de Provença... . 1526. Disponível em: gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France. Consultado em 20/10/2020.

_____. *L'Istoire du noble et vaillant chevalier Pierre de Prouvence. Et aussi de la belle Maguelonne fille du roy de Naples.* Lyon: 1504.

_____. *Le Livre de Pierre, filz du conte de Provence, et de la belle Maguelonne , fille du roy de Naples.* », commençant par : «... damme, je vous remercie quant il vous plaist de sollacer avecquez moy... » et finissant par : «... et en la fin nous facent possider icelle mesme gloire. Amen. Cy fine le Livre de Pierre, filz du conte de Provence, et de le belle Maguelonne , fille du roy de Naples ».Date d'édition : 1401-1500. Disponível em: gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France. Consultado em 20/10/2020.

_____. *Libro de la linda Magalona, hija del rey de Napoles, y del muy esforçado cavallero Pierres de Provença, y de las fortunas y trabalhos que passaron.* 1602. Disponível em: gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France. Consultado em 20/10/2020.

_____. *Nouvelle histoire de Pierre de Provence e de la belle Maguelonne.* Paris: Costard, 1770. Disponível em: <https://books.google.com.br/> Consultado em 12/12/2020.

_____. *Nueva historia del célebre y valeroso Pierres de Provenza y sus amores con la princesa Magalona.* Madrid : Antigua Imprenta Universal, [18--?]. Coleção da Biblioteca Digital de Castilla y LeónBiblioteca Digital de Castilla y León. Disponível em: <https://bibliotecadigital.jcyl.es/i18n/consulta/registro.cmd?id=8135> Consultado em 11/12/2020.

_____. *Pierre de Provence.* Aci comensa la historia del noble y esforçat Cavaller Pierres de Provença, fill del comte de Provença, y de la gentil Magalona filla del rey de Napole, y de les fortunes y treballa que passaren en la sua molt enamorada vida, traduyda de llengua castellana, en rostra llengua catalana per la discret y honrat Honorat Comalada. Barcelona: Sebastia de Cormellas,1650. Disponível em: gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France. Consultado em 21/10/2020.

_____. *Pierre de Provence et la belle Maguelonne.* (Traduction abrégée en vers grecs vulgaires). 1562. Disponível em: gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France. Consultado em 20/10/2020.

_____. *Pierre de Provence et la belle Maguelonne* (Théâtre pastoral basque). Bulletin de la Société des Sciences Lettres et Arts de Bayonne, 1928: article de Hérelle p. 116 à 117: article de Hérelle p. 116 à 117. Disponível em: gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France. Consultado em 25/10/2020.

BIEDERMANN Adolphe. *La Belle Maguelonne.* Paris: Honoré Champion, 1913. Disponível em: <https://books.google.com.br/>. Consultado em 12/12/2020.

- CASTILLON, J.. *Histoire de Robert le Diable, suivie de Richard Sans Peur, et de Pierre de Provence et la Belle Maguelonne*. Bibliothèque Bleue. Paris: Garnier Frères, 1862.
- LIMA, Fernando de Castro Pires de. *A Princesa Magalona*, Porto, Fund. Nac. para Alegria no Trabalho, 1962. Disponível em: <https://books.google.com.br/>. Consultado em 12/12/2020.
- TRÉVIES, Bernard de. *Le roman du Vaillant chevalier Pierre de Provence et de la belle Maguelonne, fille du roy de Naples*. (s/l): J. de La Fontaine: 1490.
- TREVISANUS Bernardus (autor incerto); COSTA, Manuel Fernandes da. *Historia verdadeira da princeza Magalona, filha del rey de Napoles, e do nobre, e valeroso cavalheiro Pierres, Pedro de Provença*. Lisboa Occidental: Offic. de Manoel Fernandes da Costa, 1737. Disponível em <http://purl.pt/30786>. Consultado em 19/10/2020.

2. Edições brasileiras

- AMARAL, Firmino Teixeira do. *Romance de Pierre e Magalona*, Juazeiro, Tipografia são Francisco, 1957.
- ATHAYDE, João Martins. *A Fugida da princesa Beatriz com o conde Pierre*. Recife: Tipografia de João Martins de Athayde, s/d. Versão transcrita por Câmara Cascudo. CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Vaqueiros e cantadores* (1ª ed. Globo, 1939). São Paulo: Itatiaia/EdUSP, 1984.
- SANTOS, Antônio Teodoro. *História Do Conde Pierre e a Princesa Magalona*. São Paulo: Luzeiro, 2014.